

PERCURSOS ETNOGRÁFICOS EM NARRATIVAS COM MULHERES AFRICANAS EM SÃO PAULO: ATIVIDADES COMO POSSIBILIDADES ECONÔMICAS

Miki Takao Sato*

Resumo

São Paulo vivencia uma presença crescente da migração africana nas últimas décadas, notadamente de mulheres. A vida econômica e a dinâmica das trocas cotidianas, constituem os eixos da análise de quatro narrativas, construídas por meio da etnografia, entrevistas e convívio em situações do cotidiano, principalmente em espaços de trabalho. A discussão do fazer etnográfico configurou-se como elemento norteador importante do trabalho. As suas narrativas revelam a capacidade de agenciamento em ambientes novos, suas atividades ganham sentidos e valores plurais, apesar dos desafios e das tensões que se apresentam. Na construção de nova cotidianidade vão encontrando recursos, acionando redes e criando estratégias para enfrentamento de dificuldades, fazer frente a necessidades financeiras e para produzirem novos espaços de pertencimento. A dificuldade da comunicação na língua portuguesa, a xenofobia, o racismo, somam-se aos incontáveis entraves burocráticos da regularização migratória, são, igualmente, vivenciados.

Palavras-chave: Migração africana; Trabalho; Mulher.

Abstract

ETHNOGRAPHIC NARRATIVES WITH AFRICAN WOMEN: HUMAN ACTIVITY AS ECONOMIC POSSIBILITIES

São Paulo experiences an increasing presence of African migration in the last decades, especially of women. The economic life and the dynamic of the daily exchanges, they constitute the axes of the analysis of four narratives. These were built through interviews and socializing in everyday situations, especially in workspaces. The discussion of ethnographic work has become an important guiding element of the work. Their narratives expose the capacity for agency in new environments, their activities get plural meanings and values, despite the challenges and tensions. In the construction of a new daily

* Terapeuta ocupacional, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos. Contato: mikitsato@gmail.com Declaro que o texto submetido é 100% inédito e não se encontra em processo de julgamento em nenhum outro periódico ou coletânea.

life, they find resources, operate networks and create strategies to face the challenges and to produce new spaces of belonging. The difficulty of communication in the Portuguese language, xenophobia, racism and bureaucratic problems in migratory regularization, are also experienced.

Keywords: African migration; Work; Woman.

O presente artigo discute a vida econômica e a dinâmica das trocas cotidianas de mulheres africanas que escolheram São Paulo para residir nos últimos anos. No contexto da migração africana contemporânea no país e na cidade, essas mulheres desenvolvem atividades e trabalhos diversos, reconfigurando suas trajetórias e dando novos sentidos aos seus fazeres diversos. O trabalho desenvolveu-se por meio de pesquisa de campo em percursos etnográficos com quatro narrativas dessas mulheres.¹ Os critérios fundamentais eram que essas mulheres fossem provenientes de países africanos e que estivessem exercendo alguma atividade econômica na cidade de São Paulo. Assim, o estudo teve base na observação, em entrevistas abertas, conversas, acompanhamento e convívio em situações diversas do cotidiano e de trabalho das mulheres. A dinâmica estabelecida com cada uma delas foi construída conjuntamente, em processos e momentos diferentes e os locais das conversas e dos encontros, assim como os assuntos e temas discutidos com cada uma delas foram sendo negociados e construídos ao longo do processo.²

1 Trabalho de dissertação do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos. A pesquisa integra uma construção teórico-prática com o apoio da Casa das Áfricas — Núcleo Amanar, que, juntamente com o Projeto Metuia/Terapia Ocupacional — Universidade de São Paulo (USP), tem conduzido, no campo da cultura, da educação e dos direitos humanos, diferentes iniciativas de estudos, extensão universitária, formação e debates sobre mobilidade humana, diversidade cultural, artes e migração africana em São Paulo.

2 Os cuidados éticos foram apresentados e negociados ao longo do processo de trabalho do mestrado.

Este trabalho apoia-se em reflexões elaboradas no contexto da antropologia e da etnografia e na escuta culturalmente sensível (OLIVEIRA, 2000; GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012). A pesquisa em campo é carregada de tensões e incertezas, exigindo, então, grande atenção a esses tensionamentos, desafios e contradições. Portanto, faz-se necessário que a perspectiva e os processos estejam colocados e explicitados, pois, uma das tarefas principais é superar a ideia de que a metodologia de pesquisa se resume a procedimentos de análise dos dados. O desafio amplia-se na complexidade da vivência do campo e na necessidade de ir além dessa racionalidade imposta pelo pensamento redutor, mostrando a riqueza e a potencialidade da pesquisa etnográfica.

A prática e a experiência etnográfica são processos fundamentais do trabalho de campo (MAGNANI, 2009). Planejar, ordenar e coordenar as etapas do campo, mas também o imprevisto, o problema, a surpresa, são ações inerentes à etnografia. O campo constitui-se de experiências e vivências múltiplas, em etapas sobrepostas de maneira espiral, descontínua e em processos constantes (SILVA, 2006). Fundamenta-se a partir da sensibilidade do pesquisador para suas indagações, transcendendo práticas simplistas de entrevistas e observações, numa construção relacional com a temática e as pessoas e no diálogo com pressupostos teóricos.

O trabalho de campo em contextos urbanos é outra dimensão metodológica que merece ser destacada, pois se propõe uma

leitura reflexiva sobre os arranjos singulares das interlocutoras em sua dinâmica cotidiana que dialogam com o cenário da cidade de São Paulo. Magnani (2002) discorre sobre a etnografia no contexto urbano contemporâneo, propondo outra possibilidade de pensar a cidade: identificá-la e a refletir a partir do que chama de olhar *de perto e de dentro*, em contraposição ao olhar *de fora e de longe*, que desconsidera e fragmenta os atores sociais dentro da complexidade das metrópoles contemporâneas. Essa outra proposição pressupõe a existência de arranjos, redes, trocas e pontos de encontros no contexto do cotidiano da cidade.

O autor propõe acompanhar esses atores na sua vida cotidiana em diálogo com as configurações do cenário urbano em constante mudança (como no caso da migração, das minorias excluídas e dos diferentes grupos étnicos e religiosos, por exemplo), para, a partir daí, apreender os diferentes arranjos reconfigurados nessa relação a partir das esferas múltiplas da vida: trabalho, religião, cultura, participação política (MAGNANI, 2002). A partir disso, cria categorias para entender e possibilitar uma análise reflexiva de como se dá essa dinâmica a partir das categorias — *pedaço, mancha, trajeto, circuito* — como os atores sociais relacionam-se, dialogam e apropriam-se dos espaços coletivos. É fundamental pensar em como o cenário urbano da cidade de São Paulo dialoga com os processos individuais e coletivos das interlocutoras. Cada uma constrói uma relação e uma dinâmica a partir da percepção e sentido que dá aos seus pedaços, trajetos e circuitos, ligados seja ao trabalho, seja ao lazer e à religiosidade, seja ainda a outras dimensões.

Para a dimensão da análise, propõe-se uma interlocução com as reflexões da antropologia para a reflexão sobre a construção

do campo, para as ambiguidades dos processos de comunicação envolvidos. Foram levados em consideração, particularmente, os debates da antropologia interpretativa a partir de Geertz (1989) e o lugar do conceito de descrição densa também exposto por Geertz (1989), para o qual a compreensão dos fenômenos sociais deve partir de situações definidas para trabalhar a própria condição da/do pesquisador/pesquisadora e, via interpretação, elaborar a compreensão do fenômeno em estudo por meio das interpretações que as pessoas constroem de suas experiências. Para ele as descrições etnográficas são “construções de construções”, pois somente o “nativo” faz interpretação da experiência. Por isto, este conhecimento assume-se como construído e modelado (GEERTZ, 1989, p. 25-26).

Desta maneira, há no presente estudo uma forma de análise que interpreta o fluxo do discurso social. Ou seja, das narrativas das mulheres interlocutoras e aquelas que, em primeira mão, conferem sentido às suas experiências. Neste caminho, esta pesquisa incorpora a reflexão e a natureza da presença da pesquisadora/autora ao próprio método, assume a importância dos detalhes para a qualidade da interlocução dos fatos sociais a partir da observação e da elaboração do trabalho de campo (OLIVEIRA, 2000).

Outra referência teórica organizadora da dissertação é Hannah Arendt (2014), sobretudo para definir os sentidos dos processos econômico-sociais adotados que retoma o conceito de “economia de vida”, para trabalhar a vida econômica das mulheres africanas em São Paulo. No contexto deste trabalho, a proposta é discutir a vida econômica dessas mulheres africanas enquanto produção de sentido, protagonismo e emancipação, em que a organização de suas atividades gera outras dimensões e potencialidades, e

novas inscrições de vida, onde “um ambiente de trabalho polifônico cria valor social” (GHIRARDI, 2012, p. 19).

A vida econômica das mulheres africanas forma importante elemento articulador das redes de relações, pois em torno do trabalho e das trocas econômicas também se constroem e se fortalecem relações de pertencimento, agenciamentos coletivos, trocas sociais e de suporte. A premissa inicial da pesquisa é que os processos econômico-sociais devem ser inseridos numa dimensão social, articulada à dimensão cultural sensível à diferença (de gênero, raça, geração, etc.) no bojo da compreensão e do fazer cotidiano.

Essas mulheres inserem-se no panorama atual da migração africana contemporânea na cidade de São Paulo, que é marcada por uma multiplicidade de características. São diversas nacionalidades, arranjos coletivos (nacionalidades, religiosas, econômicas) em diálogo com os desafios que a cidade coloca, como questões da política migratória, serviços especializados, possibilidades econômicas, trocas culturais.

Migração africana e a presença da migração feminina na cidade de São Paulo

A migração africana no Brasil tem ocorrido em várias dimensões e tem tido cada vez mais visibilidade nas pesquisas acadêmicas (KALY, 2001; FRANCALINO; PETRUS, 2008; MUNGOI, 2012), nos meios de comunicação, em expressões artísticas e culturais, na participação desses migrantes nas esferas públicas, movimentos sociais e em tantas outras dimensões inseridas na sociedade brasileira (SUBUHANA, 2009; SERRANO, 2011; TELES, 2013; RODRIGUES, 2014). As pessoas têm buscado inserções de estudo,

trabalho, de novas oportunidades e desafios. A cidade de São Paulo tem como desafio o diálogo com novas perspectivas da mobilidade humana, que interrompem a lógica de uma visão simplista e carregada de estereótipos relacionados à pobreza e miséria da África, e se voltam para uma abordagem que dialogue com a mobilização política, o protagonismo e cidadania.

Os processos migratórios no Brasil e na cidade de São Paulo sempre ocorreram de maneira bastante diversa, em função da complexidade da globalização e do cenário geopolítico e econômico internacional e brasileiro. Serrano (2011) revela que, além da migração motivada por fatores econômicos, presencia-se também a mobilidade para o Brasil de trabalhadores qualificados, estudantes de graduação e pós-graduação através de convênios e cooperação internacional, pessoas vítimas de tráfico humano, solicitantes de refúgio e migrantes econômicos, entre outros. Nesse sentido, tanto o Brasil quanto a cidade de São Paulo têm buscado diferentes formas de dialogar com essa nova dinâmica cultural, econômica e social, já que a cidade se tornou importante destino de fluxos migratórios internacionais.

O Brasil passou a receber grande quantidade de pessoas oriundas dos conflitos pós-independência dos países africanos a partir da década de 1970 e 1980, e em maior escala, a partir dos anos 2000. O agravamento das crises econômicas mundiais, o endurecimento das fronteiras dos países desenvolvidos, a busca por trabalho, novas oportunidades e qualificação profissional e acadêmica também foram fatores que impulsionaram essa mobilidade. Entre 2000 e 2012, o número de africanos em situação regular no país teve um aumento de 30 vezes (de cerca de mil para 31 mil), provenientes

de 48 países, a maioria de Angola, Cabo Verde e Nigéria.³

Ester Rodrigues (2014), em sua dissertação de mestrado, faz uma análise do processo de imigração contemporânea de africanos no Brasil, sob a perspectiva dos direitos humanos e dos grandes veículos de comunicação impressos. Ressalta que apesar do aumento considerável do fluxo de africanos, muitos inclusive trabalhando e contribuindo para o desenvolvimento do país, isso não resultou necessariamente em políticas específicas, nem na garantia de direitos e inserção social dos mesmos. A autora debruça-se sobre as notícias veiculadas em jornais de grande circulação em algumas cidades brasileiras sobre a temática da imigração africana no país. É possível perceber que na maior parte das vezes noticiam-se a vinda de imigrantes africanos em situação irregular, muitos através de porões dos navios ou de fronteiras clandestinas. Além disso, é visível como os meios de comunicação reforçam ainda mais o racismo, a violência e a não aceitação dos africanos no país, associando a vinda dessas pessoas a prejuízos às cidades brasileiras.

Concomitantemente, também encontramos na literatura acadêmica, nos meios de comunicação, projetos e grupos ligados às universidades e nos vários espaços sociais, relatos de experiências de projetos que procuram mudar essa ótica para então fortalecer a identidade cultural, inserção social e o protagonismo dos imigrantes africanos no país. Francalino e Petrus (2008), por exemplo, relatam a experiência da criação de um projeto coletivo com congolese e angolanos no Rio de Janeiro, com objetivo de preservar a identidade cultural e a tradição oral

dos imigrantes e assim, fortalecer suas redes sociais e a inserção social na sociedade brasileira.

Segundo dados da Organização Internacional para as Migrações (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES, 2009), entre 1990 e 2000 a maior parte do fluxo migratório internacional concentrava-se nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, sendo esta última com concentração expressiva de africanos (37% dos imigrantes). O mesmo órgão apontava que em relação aos refugiados, em 2009 havia cerca de 4 mil refugiados reconhecidos pelo governo brasileiro, sendo que os africanos compunham 65,3% desse total.

Assim, o panorama da migração africana contemporânea na cidade de São Paulo revela-se em uma pluralidade de configurações. Transitando nos espaços urbanos, coletivos, movimentos sociais de direitos humanos dos imigrantes e pelos vários cenários econômicos e culturais, as mulheres migrantes, principalmente as africanas, foram ganhando mais e mais interesse. Além disso, os cenários multiculturais da cidade de São Paulo expandem-se com a migração e, concomitante ao fortalecimento dos movimentos de protagonismo das mulheres, ganha destaque nos debates acadêmicos e no cenário social, cultural e econômico, o trabalho de mulheres africanas.

Atualmente na região central da cidade é notória a uma presença de comerciantes de diversas regiões africanas. Nas imediações do bairro da República há *lan houses* que oferecem serviços de internet e telefonia para responder à necessidades de comunicação ágil com diversos países africanos a preços acessíveis. Encontramos, também, alguns restaurantes especializados em comida típica africana. No comércio de rua da praça da República, juntamente com os ven-

3 Cf. <http://noticias.terra.com.br/brasil/imigracao-africana-no-brasil-aumenta-30-vezes-entre-2000-e-2012,bcdedc77d62e5410VgnCLD-200000dc6eboaRCRD.html>

dedores africanos de produtos eletrônicos, réplicas de roupas, relógios e artigos esportivos de marcas famosas, há várias barracas de vendas de objetos de decoração, tecidos, acessórios de beleza e produtos, todos com a temática africana. Diante a valorização do movimento de direitos da população afro-brasileira e da chamada estética afro, os artigos de beleza, objetos marcadores de identidade, adereços e vestimenta são bastante procurados. Nas próprias calçadas é possível presenciar vendedores e vendedoras ensinando a usar os tecidos para montar tranças, turbantes e saias.

O maior destaque dessa região é o Centro Comercial Presidente, mais conhecida como “Galeria Presidente” ou “Galeria do *Reggae*”, localizada ao lado da “Galeria do *Rock*”, famoso ponto turístico da cidade. Trata-se de uma galeria comercial típica do centro antigo da cidade, com cerca de seis andares, muitas lojas, quase que exclusivamente gerenciadas e frequentadas pela comunidade africana da cidade. A circulação de homens, mulheres e famílias é imensa, durante todo o dia.

Ao vivenciar a dinâmica da Galeria durante o trabalho de campo, foi possível perceber o quanto o local serve não só para atender a demandas comerciais, mas também se torna ponto de encontro fundamental da comunidade africana. As pessoas marcam encontros, reuniões, trocas de informações, criando também redes de apoio e referência para os imigrantes. As mulheres que ali trabalham compartilham seu cotidiano, trocam clientela, emprestam produtos, cuidam da loja na ausência da outra. Outros fazem reuniões de negócio, reuniões de lideranças, encontram-se para comer, conversar, beber.

É possível perceber importante presença das mulheres africanas nesses vários cenários, seja em trânsito, seja agrupada nas ga-

lerias comerciais, e, sobretudo exercendo alguma atividade econômica. Estão presentes nos salões de beleza, restaurantes, comércio, serviços de referência. São circuitos que se formam através de identidades culturais, arranjos preestabelecidos entre pares e redes de apoio, e também por necessidade de dialogar com demandas próprias.

O fortalecimento dos espaços afro-brasileiros através de coletivos culturais, encontros e debates, feiras étnicas, apresentações culturais, movimentos sociais e políticos, entrelaça-se com a presença africana em diversas situações em que iniciativas dialogam com a mobilização do movimento de direitos afro-brasileiro na cidade. O protagonismo da mulher negra e africana nesse panorama, destaca-se mais e mais. Ao se estabelecer na cidade, a mulheres que chagam atualmente, deparam-se com esse contexto plural e precisam buscar interlocução e possibilidades de interação em várias esferas: culinária, política, estética, econômica, artística.

A cidade de São Paulo, também como reflexo de um panorama social maior, tem vivenciado uma discussão importante sobre as questões de gênero. Assim, coletivos e movimentos feministas, organizações e serviços públicos têm proposto uma articulação e mobilização dos direitos das mulheres em várias escalas: saúde, violência de gênero, cultura, veículos de comunicação, direitos humanos.

Temos presenciado a participação de mulheres ligadas à temática da mulher negra e africana nesses espaços de debates, nas reivindicações políticas e sociais. Assim, a cidade de São Paulo configura-se como território de múltiplas identidades, necessidades e oportunidades para que as africanas encontrem aqui possibilidades de cidadania, protagonismo e produção de novos sentidos para seu processo migratório. Esses coleti-

vos e iniciativas têm ganhado destaque na programação cultural e nos veículos de comunicação na cidade, dando maior visibilidade ao debate da questão migratória, da mulher e da África.

Assim, é nessa configuração da cidade em que as mulheres africanas deparam-se. Cenário esse permeado de problemáticas, possibilidades, demandas e desafios inscritos na dinâmica do contexto urbano com que elas irão dialogar e criar novos arranjos de trabalho, cotidiano, relações e sentidos múltiplos para suas vidas. Cada uma das interlocutoras da presente pesquisa interage com esse espaço urbano, com diferentes atores sociais, demandas múltiplas e respostas às dificuldades encontradas, produzindo trajetórias e narrativas singulares nesses processos diversos.

Assim, a temática da África, na perspectiva deste trabalho assume outra dimensão, saindo do lugar-comum de discussão do subdesenvolvimento, do tradicional e de violência e miséria, para um olhar de valorização, de contribuição cultural, artística e intelectual. Achille Mbembe, pesquisador, historiador e cientista político camaronês, faz uma discussão sobre arte contemporânea e reconhecimento cultural em África, que podemos tomar emprestado para essa reflexão:

Para que a África do Sul atinja plenamente o seu potencial, o país necessita de se imaginar como uma nação “afriopolitana” precursora de uma versão da modernidade africana já visível na maior parte dos modelos artísticos e culturais africanos contemporâneos. Do mesmo modo, o país deve distanciar-se de uma visão da cultura como coisa pertencente ao passado, limitada apenas aos costumes e às tradições, aos monumentos e museus. Precisamos de tomar consciência de que a cultura não é uma outra forma de “serviço de abastecimento”, mas o modo como os se-

res humanos imaginam e arriscam pelo seu próprio futuro. Sem esta dimensão de futuro e de imaginação, não se pode de modo nenhum inscrever o nosso nome próprio ou articular a nossa própria voz (MBEMBE, 2010, s/p).

A mobilidade não tem sido feita somente por necessidades ou motivos de guerras. O autor chama a atenção para outras buscas e inserções. A dimensão imaginativa dos seres humanos compõe uma das bases da mobilidade, em que sonhos, desejos e intenções são motores da criatividade e das reinvenções das atividades cotidianas e das relações de troca que se estabelecem. O autor faz importante reflexão crítica sobre a falsa existência de uma única e simplista identidade africana e a necessidade de superação da lógica da igualdade e da neurose pela vitimização, para a possibilidade de formas culturais diversas dentro da mesma humanidade e dentro de uma relação de alteridade (MBEMBE, 2001, p. 183). Assim, africanos e africanas inventam modos singulares, múltiplos e diversos de se inscrever no mundo.

Diversos órgãos internacionais apontam para um processo de feminização da migração. Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, 2008), as mulheres correspondem a 51% das migrações internacionais, podendo percorrer a viagem com cônjuges, sozinhas, em busca de oportunidades, ou para se reunir à sua família. Se antes as mulheres migravam para se juntar às suas famílias, atualmente há grande parcela que migra por motivos econômicos e compõe as grandes forças motrizes e pioneiras do processo de migração familiar.

Embora a migração feminina tenha grande importância em termos quantitativos (ASSIS, 2007) e também devido à remessa de fundos financeiros aos países de origem e

à movimentação econômica que gera, percebe-se ainda a desvalorização da mulher migrante, principalmente em desqualificação profissional e de gênero, baixa remuneração salarial, condições precárias de trabalho e invisibilidade do fenômeno no âmbito dos direitos humanos e no cenário mundial. É sabido que as mulheres migrantes são constantemente expostas ao tráfico de pessoas⁴, à exploração sexual e ao aliciamento para o tráfico de drogas internacional (BAILEY, 2013).

Ainda é bastante recorrente a desqualificação profissional e salarial das mulheres (DUTRA, 2013), que são muitas vezes alocadas em postos de trabalhos irregulares, sem respaldo de legislação trabalhista e com salários incompatíveis com a função e a carga horária correspondentes. Quando se encontram em situação migratória irregular, acabam ficando ainda mais expostas às violações de direitos e exploração. Há ainda uma associação entre o trabalho das mulheres imigrantes e profissões ligadas ao gênero, como trabalhadoras domésticas, de cuidados e de limpeza. Como muitos destes postos de trabalho pertencem ainda ao mercado informal, as mulheres ficam mais vulneráveis e são privadas de direitos básicos. Ainda sobre a desqualificação profissional, dado que muitas mulheres ainda migram em situação

irregular, acabam ocupando cargos desqualificados e não condizentes com sua formação educacional e profissional (ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO, 2008). A chamada “fuga de cérebros” é uma questão importante nos processos migratórios, onde há perda de oportunidade de desenvolvimento tanto para o país de origem quanto do país de destino. Os fenômenos contemporâneos da globalização desencadeiam necessidades econômicas e sociais de mobilidade humana e impossibilitam o desenvolvimento econômico e social também nos países de origem.

A migração feminina foi um processo invisível e de pouca repercussão nas ciências sociais, sendo inserido na discussão da migração sem qualquer atenção para questões específicas de gênero, embora em alguns países, como os Estados Unidos, a população já era composta em sua maioria de mulheres imigrantes de 1930 a 1979, por exemplo (ASSIS, 2007). A migração é majoritariamente abordada sob o ponto de vista masculino e foi somente a partir dos anos 1960 e 1970, principalmente com o advento dos movimentos feministas, que os estudos sobre migração começaram a ser inseridos nas pautas específicas de gênero. A partir de então, novos questionamentos e debates foram colocados para se compreender melhor os fluxos migratórios, além da questão específica da mulher migrante (DINIZ, 2009), em que a migração feminina ganha destaque a partir dos estudos e discussões sobre gênero (história da família e suas diferenciações, participação das mulheres nas universidades e movimento de liberação, entre outros).

A migração feminina ganhou força expressiva no contexto da migração contemporânea principalmente a partir da segunda metade do século XX. Assis (2007) refor-

4 A expressão “tráfico de pessoas” significa o recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração. A exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, escravatura ou práticas similares à escravatura, a servidão ou a remoção de órgãos. Cf. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5017.htm.

çou que as tecnologias de comunicação e de transporte foram fundamentais para a facilitação dessa mobilidade. A autora coloca também que as mulheres da contemporaneidade passaram a ter maior qualificação educacional e profissional, contando também com legislações de divórcio mais estabelecidas, além de já encontrarem uma discussão política mais fortalecida sobre emancipação de gênero e direitos das mulheres. Entretanto, essas migrantes ainda encontram muitas resistências e desafios, baixa alocação nos postos de trabalho (trabalhos domésticos e de cuidados), discriminação racial e de gênero (ASSIS, 2007). A autora coloca a importância das redes sociais nesses processos, formadas por relações de parentesco, amizades, ajuda mútua, gênero e nacionalidade, e essas redes mostram-se fundamentais para o sucesso do projeto migratório, individual e familiar.

A partir do início dos anos 1990, a feminização dos fluxos migratórios acentuou-se de forma significativa. Se durante muito tempo a migração das mulheres efetuiu-se no quadro do reagrupamento familiar, atualmente tem como objetivo o trabalho, na sua maioria e à semelhança da migração dos homens. Muitos autores atentam à importância do aporte financeiro da geração de renda dessas mulheres às suas famílias e aos seus países de origem e ao fato de que, em muitos casos, são as mulheres que encabeçam e iniciam o movimento migratório familiar.

O aumento percentual da migração feminina em escala mundial tem a ver com a maior participação das mulheres nas esferas públicas (no mercado de trabalho e na necessidade de reforço do orçamento doméstico familiar) e também com o aumento da demanda de trabalho para serviços domésticos e de cuidados (NOVAES, 2014). Marina Novaes (2014) reforça que a maior participação

das mulheres no mercado de trabalho impulsionou os fenômenos migratórios, já que as mulheres apresentam maior necessidade e responsabilidade no orçamento doméstico e têm mais autonomia no seio familiar.

Assim, nos processos de mobilidade, há um rearranjo da composição familiar, no qual a mulher que migra amplia seu espaço de decisões na família e, portanto, amplia seu poder de decisão e autonomia. A migração implica a socialização de gênero, e as mulheres, ao migrarem e se inserirem no mercado de trabalho, adquirem papel de protagonistas nesse processo, na tomada de decisões da família e no papel de provedoras do sustento familiar. A partir disso, há uma reconfiguração das subjetividades e das relações de poder, novos papéis e emancipação.

A discussão e a abordagem sobre a dimensão do gênero na migração feminina na literatura acadêmica foi sofrendo mudanças e ganhando novos contornos com a visibilidade do fenômeno. Antes era retratada como migração passiva, na qual a mulher apenas acompanhava a família e era obrigada a migrar por questões financeiras e políticas.

Para além do debate sobre violação de direitos humanos, xenofobia e desvalorização, o que nos interessa é transpor essa discussão e propor uma perspectiva do protagonismo feminino na mobilidade humana. A mulher cria não só projetos de vida pessoais e familiares, novas possibilidades econômicas e sociais, mas também novas configurações com o local de destino. Provoca uma interlocução cultural, dialoga com o cenário em que está inserida, mobiliza outros atores sociais e recria novas identidades e possibilidades.

Sobre identidade, Carole Davies (2010) discute a questão no contexto de migração e diáspora do Caribe, e como essa identidade

vai se reconfigurando nos processos migratórios, sejam estes forçados ou voluntários, na literatura caribenha. Assim, as autoras estudadas, ao retratarem a questão migratória, trazem não somente questões de conflitos do não pertencimento e a relação entre migração nos contextos coloniais e pós-coloniais, mas também assumem posturas críticas de resistência ao racismo e de afirmação da identidade.

No Brasil, só a partir dos anos 2000 o gênero aparece como categoria analítica. Thais França (2012) reforça que essa discussão é feita muitas vezes de forma superficial, e o debate acadêmico deve ir além da comparação dos dados quantitativos ou diferenças entre homens e mulheres na migração. Coloca que é essencial identificar e analisar as diferenças e assimetrias existentes nas relações entre os gêneros e entre grupos de mulheres e identificar os diferentes mecanismos de dominação nesses processos.

A autora também ressalta que ainda são dominantes, nas pesquisas acadêmicas, trabalhos que reforçam estereótipos das migrantes com baixa qualificação profissional, que se dirigem aos países desenvolvidos e em busca de melhores condições econômicas.

Na migração feminina, há um processo constante de resignificação das identidades, dos valores culturais e das relações sociais. A partir do novo lugar e da nova cultura com que se deparam, acabam reelaborando, também, suas identidades, tecendo novas configurações e novos pertencimentos. Unda e Alvarado (2012) afirmam que o processo migratório feminino ocasiona autonomia econômica e reconhecimento das mulheres enquanto trabalhadoras e portadoras de saberes, constituindo novas configurações e novos papéis sociais. As autoras enfatizam, ainda, que se estabelecem novas dinâmicas

no mercado de trabalho quando as migrantes assumem novos papéis e outros tipos de trabalho diferentes dos exercidos em seus países de origem.

A migração feminina é entendida por Diniz (2009) como investimento material, cultural, social e de relações de interesse, em que as condições concretas da migração (trabalho, moradia, informações, recursos) são conseguidas através de acionamentos das redes sociais. Mantendo a bagagem cultural e étnica, enriquecem sua cultura original e com a do país de acolhida e se instrumentalizam para obter o reconhecimento e integração necessários para o objetivo migratório (NOVAES, 2014).

O que interessa no presente trabalho, a partir dessas reflexões, é discutir o papel da mulher no seu projeto migratório e como este processo é agenciador de novas experiências, oportunidades econômicas, sociais, de reconhecimento e protagonismo. As mulheres migrantes constroem lugares de emancipação e destaque, e é a partir dessa perspectiva que este trabalho se propõe ao diálogo. Fazem-se necessários a compreensão crítica das experiências migratórias e um olhar atento a essa multiplicidade e a essas novas configurações que se estabelecem a partir das suas vivências cotidianas e de trabalho. As quatro interlocutoras aqui apresentadas construíram percursos e trajetórias plurais, assim como também a construção das narrativas e também resultaram em possibilidades de análises e discussões múltiplas.

Melanito: persistência e empreendimentos

Melanito, camaronesa, reside no Brasil desde 2003. É *chef* de cozinha e proprietária de restaurante na região central da cidade de

São Paulo. Tem realizado trabalho importante de divulgação da culinária e da cultura africanas através dos veículos de comunicação e de participação em feiras culturais.

O Biyou'z é um restaurante especializado em cozinha camaronesa, além de oferecer pratos de outras regiões africanas, localizado no centro da cidade, entre os bairros da República e Campos Elíseos. Há nas imediações do restaurante grande circulação de africanos, turistas e imigrantes de diversas origens e a região configura-se atualmente como referência no cenário gastronômico de São Paulo. Além de restaurantes tradicionais, nos últimos anos vários outros surgiram como os especializados em culinária peruana, árabe e colombiana, já sendo noticiados em diversos veículos de comunicação da cidade.

Melanito trabalhava em banco no seu país e veio para Brasília para passear, gostou da cidade e ficou na cidade por cerca de quatro anos. Na época, trabalhava como cabelereira, começou a ajudar no salão de uma amiga conterrânea e depois passou a ter suas próprias clientes, formadas basicamente por familiares de diplomatas do Senegal, do Congo, da Nigéria e outros países, e então passou a atendê-las pessoalmente, em suas residências.

Veio então para São Paulo durante suas férias, para passear, conta que gostou muito da cidade e que constatou que a percepção sobre o negro e sobre o continente africano era bastante equivocada. Além disso, percebeu também que aqui na cidade havia uma variedade de restaurantes: italianos, franceses, japoneses, exceto africanos. Quis abrir um negócio e ainda criar iniciativas em que pudesse falar da beleza e das culturas africanas. Voltou para Brasília, trabalhou e reuniu dinheiro suficiente para sua vinda definitiva para a capital paulista.

Ao ouvir Melanito relatar passagens da sua história, de sua vinda à cidade, da abertura do restaurante, sua fala vem carregada de muita nostalgia, exprime sentimentos de esforço, persistência e lembranças de sua trajetória. Fala sempre de momentos de grandes dificuldades, desafios e incertezas para conseguir suas conquistas.

Inicialmente frequentado quase que exclusivamente por africanos, a virada na vida econômica de Melanito veio com a Copa do Mundo ocorrida na África do Sul, em 2010 (lembrando que o restaurante havia sido aberto em 2008). Nessa época, o tema da África estava em destaque nos grandes veículos de comunicação devido ao evento esportivo mundial. O Biyou'z recebeu destaque na mídia e acabou por se tornar referência no cenário gastronômico atual da cidade, marcado por inovações constantes.

Embora o restaurante ainda seja frequentado por muitos africanos e tenha somente funcionários africanos, Melanito parece estabelecer relações importantes com outros universos que não os da rede de relações referentes à migração: amiga brasileira, taxista, fornecedores e compradores, clientes, vizinhos, em sua grande parte são brasileiros. Pensando na rede de relações de interdependência de Elias (1994), Melanito, ao longo de sua trajetória, estabeleceu redes múltiplas de extrema importância para seu projeto de vida, e foi sendo reconhecida e valorizada por esses laços.

Além disso, relata que seu cotidiano gira em torno do restaurante e seus desdobramentos. Pouco circula em outros espaços que não sejam em atividades voltadas ao trabalho. Tenta frequentar sua igreja regularmente e sempre está no restaurante. Como este funciona todos os dias da semana ininterruptamente e ela mora ao lado, não consegue tirar um só dia de folga ou deixar

de ir ao estabelecimento diariamente; mas reconhece que é lá que encontra amigos e pessoas com quem tem mais contato.

A culinária, aqui, constitui elemento imprescindível para a construção das identidades culturais dos sujeitos. Para Maciel (2005), torna-se símbolo da identidade reivindicada pelos grupos sociais em um processo dinâmico com constantes mudanças e reconfigurações. A comida é importante fator na formação de vínculos e das trocas, gera afetos e memórias, recria lembranças e constrói histórias. Além disso, na perspectiva da vida de Melanito, sua história é marcada pela atividade da culinária. Através de um conhecimento prévio e de uma experiência vivenciada a partir do seu contexto cultural e familiar, a culinária aqui se transforma em sentidos diversos: agenciamento de oportunidades econômicas, valorização da culinária africana, intermediação das trocas sociais estabelecidas por Melanito e sua rede. Masano (2011), em seu trabalho de mestrado, faz um resgate histórico da imigração para São Paulo e como esse fenômeno exerceu influência na diversidade da culinária e nos hábitos alimentares ao longo do processo. Através de um breve relato histórico e a partir do caráter multicultural, mostra a constituição e a formação dos restaurantes na cidade e a transformação de São Paulo em polo gastronômico de referência. Assim, encontramos a enorme variedade de opções gastronômicas e turísticas da cidade, a revitalização do seu centro histórico, a valorização e a difusão das iniciativas culturais relacionadas aos imigrantes contemporâneos em São Paulo. E assim, ocorre uma “projetualidade” em que Melanito concebe a ideia do *Biyou’z* a partir desse cenário. O restaurante, então, se configura para além de oportunidade econômica, também como projeto de vida.

Mariama: interfaces culturais e artísticas

Mariama é da Guiné, está desde 2008 no país. Trabalha com dança, percussão e canto, atividades culturais e educacionais. Reside com o marido e recentemente trouxe sua filha da Guiné para o Brasil. Tem apresentado um trabalho de interlocução cultural da dança e da música africanas com a brasileira. Também já trabalhou como cabelereira aqui em São Paulo. Dá aulas de “dança africana” no Centro Cultural da Juventude, na Fábrica de Cultura Jardim São Luís, na Ação Educativa e aulas de percussão para grupo Ilú Oba de Min. Além disso, também faz algumas apresentações artísticas e ministra oficinas culturais com a temática da África e suas atividades artísticas.

Em quase todos os momentos do campo, seu marido nos acompanhou, seja nas conversas, seja aulas e outros momentos compartilhados. Sua participação conferiu uma dinâmica muito diferente das outras interlocutoras. Assim, cabe entender que Mariama também fez a escolha de inclui-lo nessa relação estabelecida no campo da pesquisa. Portanto, ele também poderia e deveria fazer parte da colaboração, compondo uma interlocução com as cenas compartilhadas com Mariama. O respeito e a ética na pesquisa de campo também dizem respeito às escolhas e dinâmicas do interlocutor, sendo necessário dar novos olhares e significados para o campo que se constitui para o pesquisador. O campo não só permite como exige também múltiplos cenários e configurações, onde estar atento às essas possibilidades enriquece a experiência etnográfica e abre-se espaço para novas apreensões e encontros.

Mariama foi bailarina da companhia guineana Les Ballets Africains e sempre trabalhou com linguagens artísticas (dança,

canto, percussão) e sua interface com a educação. Conta que veio ao Brasil a convite de um grande amigo e de uma companhia de danças com projetos ligados à escola francesa Liceu Pasteur. Relata que já visitara outros países com sua companhia, mas nunca havia pensado em morar fora de seu país natal até surgir a oportunidade de vir para cá.

Ao chegar a São Paulo, Mariama frequentou o curso de português do Serviço Social do Comércio (SESC) Carmo, unidade situada no centro da cidade que oferece aulas de idioma a refugiados e solicitantes de refúgio, em projeto de convênio com a Cáritas Arquidiocesana e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Nessa época também Mariama chegou a frequentar os serviços oferecidos pela Missão Paz e a partir de lá, descobriram que era artista e foi convidada a fazer uma oficina de dança. É interessante observar que, no início do seu processo de chegada a São Paulo, Mariama recorreu a alguns serviços de referência no apoio aos imigrantes. Para algumas mulheres, esses circuitos configuram-se essenciais para organização inicial da adaptação e inserção no novo país. São redes e recursos dos quais muitos se utilizam para, a partir daí, traçar novos projetos e engatar novos caminhos, como fez Mariama.

Mariama também reforça a necessidade de ajuda financeira à família que ficou na Guiné, e que há um imaginário dos familiares de que quem está no Brasil está ganhando dinheiro e fazendo sucesso e relata muitas dificuldades de adaptação ao chegar ao país, estranhamento da cidade de São Paulo e também diversas situações de preconceito e xenofobia. Seu marido também é bastante categórico ao refletir sobre a situação do negro e do africano na cidade. Pontua a dificuldade em conseguir trabalho, a desvalorização do seu conhecimento acadêmico

e impossibilidade na validação de diploma. Ambos evidenciam de forma mais clara os entraves comumente enfrentados pelos migrantes diante a política migratória brasileira e as dificuldades na inserção social, cultural e econômica no país.

Mariama sempre está inserida em alguma atividade, oficina e aula ou em projetos de apresentações artísticas. Conta que esporadicamente também trabalha como cabeleireira e que sua maior circulação social é entre a própria comunidade africana. Embora mantenha várias relações com outras pessoas por conta do trabalho, vê-se que ainda é muito vinculada ao cenário dos migrantes e dos africanos, preservando relações, costumes, modos de vestir, língua e comida.

Mariama convidou-me para acompanhá-la em um evento na Galeria Olido. Trata-se de uma oficina cultural, dentro de um programa de formação para jovens ligado à Secretaria Municipal de Educação. Na primeira parte houve uma apresentação de dança e do trabalho de Mariama, apresentação sobre conceitos gerais sobre a temática África e uma apresentação sobre a presença dos africanos na cidade de São Paulo, focando a reflexão sobre questões de preconceito, xenofobia e a importância da diversidade cultural da migração na capital paulista. A segunda parte do trabalho consiste na oficina de dança africana e canto e uma roda de conversa com os alunos sobre literatura africana e tradição oral. Essa oficina teve a participação dos alunos de Mariama do curso de dança africana realizado na Ação Educativa. Eles participam da discussão, apresentação e organização do trabalho. Percebo que compõem redes e laços importantes para Mariama e seu marido, na medida em que agenciam trocas, relações e contatos de trabalho, fortalecem e dão visibilidade ao trabalho. Além disso, inserem as ações do

grupo na discussão do movimento de valorização da cultura afro e africana nos espaços educacionais e culturais. Configuram-se como pontos de apoio essenciais para o fortalecimento de redes de interdependência (ELIAS, 1994).

Além disso, Mariama e seus parceiros de trabalho, através dessas oficinas e atividades, estabelecem diálogo importante na interface da cultura e educação. Inserem a temática da cultura africana, da tradição oral, dança, direitos humanos e tantos outros temas em espaços plurais, fazendo uma interlocução com a Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003), que inclui a temática da “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo escolar em todo o país.

Fabião (2011) faz um estudo sobre aulas de danças africanas ministradas em Portugal e suas propostas pedagógicas, na perspectiva da interculturalidade como diálogo e transformação mútua. A pesquisa reforça a importância da dança como ferramenta de trocas interculturais, dissolução de práticas coloniais e pós-coloniais, ampliação de experiências, e também como uma ação emancipatória e de autonomia.

Mariama é valorizada pelas atividades como professora, por seu conhecimento e trabalho artístico, fortalecendo simbolicamente, ao mesmo tempo, o conjunto das sociedades e das culturas africanas nesses espaços.

Lenna: buscas e interculturalidade

Lenna, moçambicana, reside há cerca de quatro anos em São Paulo. É cantora lírica, desenvolve trabalhos de música vocal, percussão e jazz. Também oferece oficinas de vivências e brincadeiras moçambicanas. Recentemente, gravou um CD no Brasil e tem

ganhado destaque no cenário musical contemporâneo em São Paulo.

Lenna estudou piano erudito por oito anos quando criança, depois começou a se apresentar em bares, junto a grupos de música. Chegou a cursar faculdade de Ciências Biológicas e refere que, nessa época, começou paralelamente a se envolver com o universo da música; entrou para uma banda *Nkhuvu*, muito conhecida em Moçambique, e a partir daí decidiu se dedicar exclusivamente à música, desenvolvendo também seu trabalho solo de compositora, arranjadora, vocalista e improvisadora.

Sobre seu processo de migração para o Brasil, conta que, em 2012, estava num momento da vida pessoal em que já queria muito sair de Maputo, sentia a necessidade de alguma mudança na sua vida. Fez contato com conhecidos no Brasil, e um amigo ofereceu-se para custear sua passagem para São Paulo. Conseguiu agendar previamente algumas apresentações artísticas aqui e chegou a São Paulo no final de 2012. Desde então foi inserindo-se nos espaços e procurando oportunidades de trabalho, sempre na sua área de música, com apresentações, shows e oficinas culturais e artísticas. Atualmente trabalha com dois grupos musicais, dá aulas de canto e oficinas culturais sobre jogos e brincadeiras infantis, além de trabalho com pesquisas em todas essas interfaces artísticas. É categórica em reforçar a influência da cultura brasileira nesse processo e conta que a partir disso, começou a interessar-se em estudar mais profundamente a música brasileira e suas conexões artísticas.

É bastante comunicativa e expressiva, e nossas conversas também acabam sendo um exercício de autorreflexão. Dantas et al. (2010) discutem as dimensões subjetivas e identitárias nos contextos da migração, onde “a identidade não existe senão contex-

tualizada, como um processo de construção e pressupõe o reconhecimento da alteridade para a sua afirmação” (DANTAS et al., 2010, p. 47). Assim, discutem as negociações e fortalecimentos necessários aos processos interculturais, permeados de angústias, incertezas, desejos e motivações. Lenna afirma que somente após apropriar-se desse processo, de vivenciar a cidade e o espaço urbano, de experimentar relações diversas com os espaços, pessoas, trabalhos, que sentiu necessidade de retomar essas suas raízes.

Lenna sempre repete uma fala interessante sobre sua vinda ao Brasil também como um processo de amadurecimento, autoconhecimento e percepção da sua vida pessoal, e traz de forma bastante significativa a sua necessidade de vivenciar múltiplas experiências: longas caminhadas pela cidade, experimentar comidas diferentes, batalhar pela obtenção da sua documentação (em especial o Cadastro de Pessoa Física – CPF), conquistar espaços de trabalho, conhecer novos artistas, organizar suas atividades cotidianas para dedicar-se a estudar. Assim, esses desafios são permeados por uma relação dialógica e intercultural, onde há uma necessidade de reconhecer-se num cenário novo, criar novas relações, decifrar códigos culturais diversos, vivenciar sua cotidianidade em novos territórios, dialogar com suas identidades, sempre em processo em constante movimento e mutação.

Na época do trabalho de campo, havia acabado de lançar o disco, trata-se do seu primeiro trabalho autoral, produzido em São Paulo, com parcerias de diversos artistas. Explicou-me todo o processo de produção do álbum, dificuldades financeiras e técnicas, concepção, idealização, planejamento, escolha de repertório, parceiros e nome. Mostra o quanto esse trabalho foi um marco nesse momento da sua vida atual e como tem

pensado em prosseguir daqui para frente, o quanto foi importante para entender seu processo de migração, e o reconhecimento e importância de pessoas que foram fundamentais nessa história. Explica cada música, significado e concepção, momento da vida, onde um amigo ajudou na sua chegada, sua inserção nos grupos com quais toca em São Paulo, questões e memórias afetivas. Além disso, fez questão de escolher determinados parceiros e amigos, além de alguns artistas moçambicanos para parceria, para valorizar a cultura do seu país e reafirmar sua identidade. Era evidente uma necessidade de falar e criar reflexões sobre esse produto, parece também querer falar para si, dar sentido à sua fala e ao processo, à sua vida e ao que tem vivenciado e visitar suas memórias e trajetória.

A concretização do álbum foi um momento crucial na vida de Lenna, permeado por muitas dificuldades, desafios e incertezas. Conseguir orquestrar as parcerias, dar conta de todas as demandas e desejos que queria incluir nas músicas, organizar financeiramente as pendências, visitar memórias e trabalhos não finalizados foram processos rememorados durante nossos encontros. Entretanto, o fechamento desse ciclo também trouxe novas oportunidades e parcerias e novos horizontes.

Apoliana: dimensões estéticas e religiosas

Apoliana, congoleza, mora no Brasil há cerca de seis anos. É proprietária de um salão de beleza na Galeria Presidente. Veio para cursar uma graduação, não se adaptou ao curso e desde então permaneceu no Brasil por conta do trabalho do marido. Ambos têm papel importante no trabalho da igreja da qual fazem parte.

Uma das minhas primeiras incursões pelo trabalho de campo foi no centro da cidade de São Paulo, local que historicamente sempre comportou múltiplas configurações culturais, econômicas e sociais. Caminhar pelo centro é deparar-se com grandes edifícios, construções históricas, pontos turísticos, intenso comércio de rua, e também pessoas apressadas, executivos, turistas, ambulantes, pessoas e crianças em situação de rua, migrantes. As imediações da República, concentra vários pedaços, manchas e circuitos (Magnani, 2008) por onde circulam as mulheres africanas: pequenas galerias, lojas telefônicas, espaços religiosos, restaurantes, salões de beleza, comércios de rua. É nessa interlocução que se encontra a Galeria Presidente, talvez um dos principais locais de referência da comunidade africana em São Paulo. Logo no hall da entrada, há várias mulheres conversando ou tentando atrair clientes para os salões, e também muitos homens africanos, também conversando, esperando outros chegarem, lojistas nas pausas do trabalho. Há salões de beleza, comércio de roupas típicas, restaurantes, bares, lojas de produtos de beleza especializados em penteados afro, tranças, apliques, lojas de música e de artesanato e temáticas *hippies*. Seus frequentadores são quase que em sua maioria africanos: homens, mulheres e crianças. As pessoas não fazem uso apenas para o comércio e trabalho, mas agenciam e articulam reuniões, vão para encontrar-se e conversar com amigos, para comer, resolver problemas e pendências, buscar pontos de apoio.

A dinâmica da relação com Apoliana é um desafio. Aos poucos, estabelecemos uma dinâmica onde quase todos nossos encontros ocorrem no saguão da galeria. Apoliana então me conta um pouco de sua história, mas a todo momento está atenta à movimentação da rua, ao fluxo das pessoas, ou

é abordada por outras mulheres. Sempre está atenta ao movimento da galeria, ou somos interrompidas por olhares e conversas curiosas.

Apoliana é do Congo, está há quase seis anos no Brasil e há cerca de cinco trabalha na Galeria. Cursou Pedagogia na sua cidade natal e então conseguiu uma transferência para cursar Farmácia na Universidade Federal do Pará (UFP), em Belém. Ficou alguns meses por lá, mas não se adaptou e veio então para São Paulo. Pretendia continuar os estudos aqui, acabou não conseguindo e então começou a trabalhar de cabelereira por uma necessidade econômica. O processo de migração também ocorreu paralelamente à vinda para o Brasil do seu marido, que mantém uma função religiosa importante.

Nunca havia trabalhado com isso, e a vivência que tinha com a questão da estética do cabelo eram experiências pessoais e de família. Assim como Melanito na culinária e o cabelo de Apoliana, as referências culturais das suas atividades são também da cotidianidade, das relações familiares e culturais africanas. Desde então tem um salão de beleza na Galeria Presidente, onde atende turistas, brasileiros, africanos, homens, mulheres e crianças, funcionando de segunda a sábado, em tempo integral.

Aqui, a migração assume diversas dimensões enquanto projeto de vida. Estudos, reuniões familiares e oportunidades de trabalho, a partir dos rearranjos que vão estabelecendo-se na dinâmica da sua inserção no país. A necessidade econômica é muito intensa, mas Apoliana também consegue dialogar com essa demanda a partir das necessidades e oportunidades do mercado, pois em São Paulo e no contexto da Galeria Presidente há grande demanda e visibilidade quanto à estética afro. Nilma Lino Gomes (2003), em sua pesquisa etnográfica sobre

os salões étnicos de Belo Horizonte, discute a construção e o fortalecimento da identidade negra a partir do corpo e do cabelo, não apenas como aspectos estéticos, mas como elementos identitários.

Era curioso notar que sempre encontrava Apoliana produzida. Cada semana estava com um cabelo, tranças, cores ou penteados diferentes, e, em algumas ocasiões com roupas características (vestidos com tecidos africanos). Ela, como as outras interlocutoras e as mulheres da Galeria, estava sempre em destaque por sua beleza e cuidado estético.

Gomes (2003), em outro trabalho, faz um breve histórico da importância do cabelo nas sociedades africanas, onde a questão do cuidado e estética sempre foram presentes, e, muitas vezes, era sinalizador de estado civil, origem geográfica, religião, posição social. A partir de então, a autora coloca também que o cabelo como ícone identitário foi recriado e ressignificado aqui no Brasil pelos negros, e, embora tenha sofrido influências sociais, econômicas, culturais e mudanças no decorrer da história, o cabelo ainda permanece, aqui, carregado de africanidade e instrumento de resistência e identidade.

Na Galeria Presidente, local que historicamente sempre foi referência e *pedaço* frequentado pelos jovens negros (MAGNANI, 2008), Apoliana e as outras mulheres africanas, através dos salões de beleza, dialogam com suas identidades africanas, mantendo elementos de continuidade e fortalecendo suas redes de relações na comunidade migrante africana. Por outro lado, também fazem uma interlocução importante com a sociedade brasileira, na medida em que homens e mulheres brasileiras também se utilizam dos serviços da Galeria, e cada vez mais há uma afirmação da identidade negra, da valorização e procura crescente de uma estética que foge à hegemonia predominante.

Assim, pensando na dimensão da migração, o salão de beleza de Apoliana, juntamente com os demais da Galeria, delimitam um lugar importante no cenário urbano da cidade de São Paulo, seja pela grande quantidade, pela visibilidade turística, pelas oportunidades de trabalho e renda e principalmente pela importância para a comunidade africana. Também no comércio de rua da República encontramos muitos tecidos, roupas, adornos e turbantes com temática africana. As mulheres que trabalham nesses locais, ao venderem e exporem seus produtos, muitas vezes ensinam a fazer os turbantes e os penteados, e explicam sobre os tecidos. As mulheres africanas estabelecem um diálogo de reconhecimento e valorização dos seus elementos culturais, onde a estética africana aqui é entendida como identidade cultural.

Seu marido é pastor de uma igreja evangélica no centro da cidade. Esteve envolvido em trabalhos da Igreja por cerca de cinco anos na Índia, Apoliana veio primeiro ao Brasil e ele veio então em seguida. Mostra-me fotos e vídeos dos cultos, marcados em sua grande maioria pela presença de africanos, embora haja alguns brasileiros e outras pessoas que são convidadas a conhecer a igreja. Fala com muito entusiasmo da religião, explica-me alguns princípios. Nas nossas conversas, seus discursos sempre são carregados de religiosidade. Conta também que há inúmeras atividades relacionadas à igreja e que procura participar de todas (vigílias, reuniões de mulheres). Apoliana parece envolver-se ativamente nessas questões. Ao final do dia, convida-me para conhecer o espaço em um domingo, dia de culto principal. O cotidiano de Apoliana é bastante permeado por essas atividades religiosas.

Debora Galvani (2015), ao estudar sobre os circuitos religiosos no contexto das re-

des de interdependência da população em situação de rua, afirma que “interessa essa relação entre a experiência religiosa e o que desta transborda para o cotidiano, já que ninguém vive a totalidade da sua vida em rituais religiosos” (GALVANI, 2015, p. 23). O processo de vinda de Apoliana ao Brasil ocorreu também anteriormente e somente após sua vinda é que seu marido recebeu a função de vir para São Paulo para coordenar o espaço religioso.

Embora Apoliana tenha vindo para cursar a graduação e não tenha se adaptado ao curso, a permanência no país também se deve ao papel central da religiosidade na vida dos dois, já que tanto ela quanto seu marido têm funções importantes nesse contexto. Configura-se como uma dimensão de extrema importância para Apoliana, permeando contextos familiares, relações sociais, redes de apoio — enfim, perpassando sua vida cotidiana.

Muitas vezes, Apoliana parece desempenhar um papel importante nesses espaços religiosos e também no cotidiano da galeria. Durante nossos encontros, era solicitada em diversos momentos para conversar pelas demais. A partir da singularidade e trajetória de Apoliana e de cada uma das mulheres da Galeria Presidente, a dinâmica das trocas sociais e das redes de sociabilidade estabelecidas ganham uma potência na vida coletiva, permeada pelas dimensões econômicas, religiosas, culturais e tantas outras.

Atividades e o fazer cotidiano desenhando relações e possibilidades econômicas

A escuta das histórias, narrativas e experiências das interlocutoras revela a capacidade de agenciamento dessas mulheres em ambientes novos, muitas vezes carre-

gados de grandes dificuldades, desafios e tensões. A dificuldade da comunicação na língua portuguesa, entraves burocráticos nos processos migratórios, necessidades financeiras, situações de xenofobia também são aspectos vivenciados constantemente. E é também dentro da sua cotidianidade que vão encontrando recursos, acionando redes e criando estratégias para enfrentamento dos desafios e para produzirem novas inserções e possibilidades (UNDA; ALVARADO, 2012).

Retomando uma questão já abordada no início do trabalho sobre as buscas e motivações dessas mulheres ao decidirem migrar para São Paulo. Novamente citando Mbembe (2010), há uma mobilização do imaginário e do que é comumente veiculado nas grandes mídias, de associar a migração africana e também a temática da África com a pobreza, miséria e atraso. A partir das suas atividades múltiplas, as mulheres africanas conseguem inscrever-se nos processos migratórios de forma protagonista e emancipatória (UNDA; ALVARADO, 2012). As mulheres africanas conseguem ir além, rompendo essa percepção redutora e estereotipada, revelam-se em grande capacidade de agenciamento em ambientes e situações de dificuldade, em territórios estrangeiros e desconhecidos.

Em suas bagagens, as interlocutoras trazem conhecimentos anteriores, vivências familiares e aqui transformam e reelaboram esses fazeres. Atividades aqui adquirem significados múltiplos, de expressões identitárias (BARROS, 2004). Quando Melanito traz sua experiência familiar com a culinária, encontra aqui ressonância com uma demanda de uma variedade gastronômica na cidade e um potencial para esse tipo de atividade. Não só consegue efetivar seus objetivos como abre novos caminhos para outras

peças e dá visibilidade a esse projeto no cenário gastronômico da cidade. Mariama utiliza-se da dança africana para interlocução com elementos da cultura afrodescendente preservando, contudo, a identidade africana nos diversos espaços (aulas, debates e apresentações). O cotidiano é constantemente ressignificado através das suas experiências anteriores e também novas oportunidades que vão surgindo na trajetória de cada uma.

Hannah Arendt, ao falar do mercado de trocas das atividades humanas, afirmou que “o valor é aquela qualidade humana que nenhuma coisa pode ter na privacidade, mas que adquire automaticamente assim que aparece em público” (ARENDR, 2014, p. 204). Assim, são reconhecidas na medida em que buscam diálogos possíveis e criativos, criam soluções novas e demandas diversas, reinventam modos plurais de inscreverem-se no mundo. Culinária, música, dança, estética são reelaboradas pelas interlocutoras, assumem valor e papel importantes de desmitificar a ideia de que essas mulheres vêm para São Paulo movidas apenas pela falta ou ausência. Além disso, as interlocutoras acabaram abrindo lugares e agenciando novas possibilidades para outras mulheres africanas na cidade, onde suas ações fortalecem-se na medida em que vão ganhando espaço e notoriedade.

Sobre a questão de gênero, as interlocutoras colocam-se num lugar de emancipação e protagonismo nas suas trajetórias e relações estabelecidas aqui. Soda, por exemplo, vem de uma estrutura familiar e cultural onde a figura masculina tem grande importância, mas aqui adquire grande visibilidade por seu trabalho, na qual seu marido não aparece em nenhum momento nesses espaços. Melanito e Mariama desenvolvem relações de parceria de trabalho com seus respectivos companheiros, mas são elas que

impulsionam e protagonizam as atividades e projetos.

Os processos de migração das interlocutoras são impulsionadores dessas novas identidades e possibilidades. Embora não sejam os únicos mobilizadores, elas só puderam reconstruir suas trajetórias a partir dos percursos de mobilidade, saindo dos seus países e vindo para a cidade de São Paulo, na medida em que encontraram aqui elementos, oportunidades e demandas para reelaborarem seus fazeres e suas histórias.

Cada uma das interlocutoras apresentou histórias, motivos e percursos totalmente distintos até chegarem a São Paulo. Uma vez aqui, também traçaram diferentes trajetórias até estabelecerem-se. Algumas contaram com redes de apoio previamente contatadas antes de virem, outras conheceram seus companheiros aqui. Em relação aos serviços de referência para a população migrante em São Paulo, apenas Mariama recorreu a alguns desses, como já foi relatado, sendo a única da presente pesquisa que vivenciou a dinâmica de uma rede de assistência à população migrante. Entretanto, todas, de alguma maneira, acionaram redes de apoio em todas as etapas dos processos de mobilidade e também de inserção na sociedade brasileira (UNDA; ALVARADO, 2012). Mariama e Apoliana contaram principalmente com a rede de africanos residentes na cidade, enquanto que Lenna teve pouco desse contato e acionou conhecidos brasileiros.

Além disso, a cidade de São Paulo também vai reconfigurando-se a partir da inserção dessas mulheres nos diversos cenários. Cenário, aqui, sempre numa relação dialógica com seus atores, inseridos nas práticas sociais cotidianas (MAGNANI, 2008). O restaurante de Melanito insere-se na cena gastronômica e na revitalização do centro histórico, Lenna tem ganhado destaque no

circuito musical contemporâneo. O que as interlocutoras estão fazendo e trazendo para São Paulo interfere na cena política, econômica e cultural de São Paulo. A Galeria Presidente, a calçada da Praça da República, a cena paulistana musical. A cidade adquire novos desenhos, é permeada por novas configurações e interculturalidades, transforma-se e se renova.

A relação de Lenna com a música, de Mariama com a dança, Melanito com a culinária, Apoliana com a estética corporal (por meio do cabelo). Qual o sentido de cada uma das atividades na vida dessas mulheres? Há dimensões econômicas, culturais, identitárias, relacionais, onde cada uma estabelece uma relação com o seu fazer, e a partir dele, produzem sentidos e oportunidades econômicas, tecem suas redes de relação na vida cotidiana, agenciam novos saberes.

O que o fazer dessas mulheres põem em movimento? Para além de respostas únicas, suas atividades ganham sentidos e valores plurais e em constante ressignificação: a culinária torna-se projetualidade e se insere num projeto de vida, a dança inscreve-se numa dimensão educativa, a música como elemento de reconhecimento e descobertas, a estética como agenciamentos econômicos, entre tantos outros.

E também não se constituem em processos fixos e rígidos, há sempre remodelações, de acordo com o que cada uma percebe como suas demandas e necessidades. Segundo Stuart Hall (2006), as identidades são múltiplas, na medida em que as mulheres vão construindo e reconstruindo suas relações e seus fazeres, para então ganharem novos espaços, lugares e papéis nos diversos cenários. É a busca de estar no mundo que está presente em todas as interlocutoras. A recusa da subalternidade e da falta, e, sim, uma busca de projetualidade

e de novas possibilidades, emancipação e reconhecimento.

Embora a pesquisa tenha seu foco no protagonismo e no empoderamento das migrantes, é preciso também atentar para contradições intrínsecas aos fenômenos migratórios; já que sabemos que nem sempre isso ocorre dessa maneira. Destacaremos dois pontos. O primeiro, conforme já relatado em capítulos anteriores, é que as mulheres muitas vezes ficam em situação de vulnerabilidade no contexto da mobilidade humana, sujeitas a exploração, tráfico de pessoas e dificuldade no acesso a serviços (ASSIS, 2007; BAILEY, 2013). É frequente o relato de experiências de isolamento social, linguístico, cultural. Weintraub (2012) cita em seu trabalho a situação das migrantes egressas do sistema penitenciário brasileiro, muitas condenadas por tráfico internacional de drogas, e as problemáticas envolvendo o sistema judiciário em que se encontram. Quando condenadas, pelo Estatuto do Estrangeiro (BRASIL, 1980), devem ser expulsas do país. Entretanto, a demora do sistema judiciário faz com que sejam liberadas e precisem aguardar os trâmites da repatriação em liberdade, mas impedidas de trabalhar legalmente, o que as obriga a procurar serviços de assistência e as sujeita a extrema vulnerabilidade social (WEINTRAUB, 2012).

O outro ponto diz respeito às relações de poder e alteridade. Ao falar sobre valores culturais, Fanon (1980) discute as relações de alienação impostas pelas potências europeias nas colônias africanas, e define o racismo cultural como mecanismo de dominação em que a destruição dos valores, das formas de existir e dos sistemas de referência foi amplamente utilizada pelo regime colonial. Assim, no contexto da discussão sobre a mobilidade humana, é possível pensar que o conceito de alienação também se faz pre-

sente, na medida em que: “o opressor, pelo caráter global e terrível da sua autoridade, chega a impor ao autóctone novas maneiras de ver e, de uma forma singular, um juízo pejorativo acerca das suas formas originais de existir” (FANON, 1980, p. 42).

Nas dinâmicas dos processos migratórios, muitas vezes a percepção do outro é equivocada, a incompreensão é vivenciada, os valores são distorcidos, xenofobia e racismo são presentes em diversas situações, nas relações interpessoais, institucionais e culturais. Mariama traz em seus relatos algumas situações de preconceito, quando certa vez, por exemplo, ao andar de táxi, o motorista afirmou: “Africano no táxi, o Brasil está com crise, eles estão andando de táxi...”. Uma das questões de debate mais recorrentes nos eventos, reuniões e relatos dos atores envolvidos na temática foram de situações de preconceito, despreparo e desconhecimento da sociedade brasileira para lidar com essa questão. Na mobilidade humana, a confrontação da alteridade é colocada a todo momento, e há constantemente a tensão do desafio da relação com o outro. Durante o trabalho de campo, escutei por várias fontes, alguns relatos de situações de dificuldades para obter trabalho, despreparo em serviços de saúde e da assistência, entraves de comunicação, baixa valorização profissional e desqualificação de gênero.

As dimensões culturais e existenciais da atividade foram abordadas por Castro; Lima e Brunello (2001). As autoras inserem a atividade humana no campo da compreensão cultural e da vida cotidiana, “onde os acontecimentos cotidianos marcam a passagem do tempo, dão consistência à experiência existencial e singularizam” (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001, p. 49). Neste estudo, a interlocução com observação e acompanhamento do cotidiano das mulheres africanas

em seus vários espaços sociais, foi uma forma de criar condições para apreender seus modos de organização cotidianos, suas demandas, projetos e desejos. Através dessas atividades da vida cotidiana, as pessoas constroem e renovam sentidos e reformulam-se em modos de vida diferenciados, constituem ou ampliam redes sociais e afetivas que viabilizam trocas e diálogos. Estabelecendo-se na movimentação da vida coletiva do novo cenário urbano de suas existências a vida cotidiana assume seu caráter de inteireza e plenitude.

Assim, as atividades dão concretude à construção permanente da pessoa na história, na sua própria história. De forma que, em sua concretude há uma pluralidade de linguagens envolvendo tanto o mundo das artes, da culinária, do corpo, da estética. As atividades e fazeres experienciados pelas mulheres deste estudo circunscrevem espaços existenciais e criam significação que emergem da vida cotidiana de cada uma, produzindo contradições e emancipação, apontando dificuldades e possibilidades econômicas, conflitos e protagonismo na luta pelo reconhecimento social e expressivo.

Atividade aqui assume também uma dimensão criativa e criadora na vida de cada uma das mulheres apresentadas, onde trazem seus conhecimentos, saberes e repertórios e os reinserem na cidade de São Paulo, (re) construindo significados outros. Os universos do cabelo e da estética, da comida africana, da dança e da música são reinscritos e reelaborados em novas configurações, e encontram ressonância através das demandas e oportunidades que a cidade estabelece: cena cultural e artística em constante efervescência, polo gastronômico e turístico, valorização da cultura afro e visibilidade da questão migratória contemporânea, entre tantas outras.

As atividades compõem-se nos vários cenários cotidianos de vida das pessoas, grupos ou comunidade em sua pluralidade cultural, onde são mobilizadas para a inscrição nos novos espaços existenciais, políticos e de criação de economia de vida. Elas são potencializadoras de horizontes e projetos de vida, de relações de trocas no contexto de novas formas de economia e cultura. A atividade permanece um conceito intrinsecamente inacabado e histórico, dotado de dimensões socioculturais e políticas complexas que podem ser apoios para a constante luta contra as desigualdades e para a emancipação (BARROS; LOPES; GHIRARDI, 2002).

Os processos migratórios não se reduzem a deslocamentos geográficos, políticos e econômicos, mas indicam, igualmente, inúmeros significados e desdobramentos sociais, estéticos, religiosos, afetivos e relacionais, e, portanto, culturais. Neles não se envolvem apenas aqueles que migram, mas provocam mudanças, encontros, tensões e conflitos e novas possibilidades ampliadas de diálogos e interações humanas. Altera a própria experiência da cultura que é, afinal, interculturalidade permanente.

Essa noção de abertura está no centro do cosmopolitismo contemporâneo — e das formas atuais de mobilidade — em suas dimensões dos diversos e múltiplos arranjos das atividades significativas, das expressões estéticas e criativas, do trabalho, das redes de relação que modelam constantemente a cidade. As mulheres africanas presentes em São Paulo trazem suas histórias, maneiras de percepção da vida, universos estéticos, conhecimentos linguísticos, além de formas diferenciadas de relacionar-se e de compor os arranjos familiares. Tais arranjos são, por sua vez, expressões de linguagens, trocas culturais em diálogos que necessitam encontrar passagens e conexões entre os

saberes das culturas africanas e aqueles dos universos culturais brasileiros.

Neste sentido, os salões de beleza, os restaurantes e oficinas de culinária, os serviços de telefonia para países africanos, além da venda de artesanato e objetos decorativos são arranjos e possibilidades que criam na cidade de São Paulo novas dimensões do país: um Brasil que se molda a partir de novo repertório sobre África. Ao criarem seus comércios e agenciamentos, as mulheres africanas dialogam com novas formas de trabalho na cidade, veiculando, ao mesmo tempo, e inscrevendo seus modos de vida, experiências culturais e linguagens. E por outro lado, as novas redes de trocas sociais constituídas exercem modificações profundas e ampliam as trocas e redes de trocas culturais da cidade. Esta se vê chamada a se repensar e criar novas possibilidades econômicas, permitir outros pedaços de pertencimento, circuitos (MAGNANI, 2002) e, enfim, novas configurações relacionais e econômicas, além do reconhecimento de outras diferentes organizações da vida cotidiana (BARROS, 2015).

Presenciamos na cidade de São Paulo essa multiculturalidade, que é permeada por diversos processos: mobilidade humana, fortalecimento das periferias, movimentos de luta por moradia, mobilização sobre a ocupação do espaço urbano, protagonismo da juventude, mulheres e população migrante. São alguns aspectos que remodelam e transformam a cidade.

Considerações Finais

A migração contemporânea, especificamente, tem emergido também de maneiras plurais. Cabe aqui ressaltar que, apesar de todas as contradições e desafios já citados, a cidade tem vivenciado uma abertura a essas novas possibilidades e ao diálogo intercul-

tural. Assim, restaurantes de diferentes tradições gastronômicas tem surgido, coletivos culturais e empreendimentos de imigrantes, iniciativas de apoio e divulgação da questão são colocados numa perspectiva de enriquecimento e contribuição para São Paulo. São dimensões que se integram ao cenário multirracial e multicultural da cidade. A migração está mudando a paisagem da cidade e sua pauta tem inserindo-se em diversos espaços, desde a cena cultural, gastronômica, até no debate político e nos movimentos sociais. E as interlocutoras e outras mulheres africanas têm se inserido nessa dinâmica através das suas atividades, fazeres e ações e cotidiano.

Em suas trajetórias, circuitos e linguagens, as pessoas criam e redesenham inscrições sensíveis, inovam as dinâmicas de trabalho e as relações sociais, ampliam o universo religioso e político, além dos hábitos de vestimenta, comida, formas associativas, estéticas, lazer, festas, em grande pluralidade de modos de viver. A multiplicidade dos arranjos culturais que os migrantes promovem no diálogo com diversos cenários urbanos da cidade, interagindo com outros grupos sociais e com as diversas instituições, transforma e desenha encontros e empréstimos interculturais.

Ao pensar nas diferentes dinâmicas culturais, as atividades e o fazer dessas pessoas devem ser trabalhadas e inscritas na relação com o outro. Nesse diálogo, ampliam-se os espaços existenciais, dinâmicos, possibilidades plurais de modos de vida, tanto relacionais como econômicos, sociais, literários e poéticos. São reinscrições plurais, mas, plenas de sofrimento e conflitos. Construir novos lugares de pertencimento, rever os sentidos da cultura exige uma passagem e conexão com o conhecido e vivenciado anteriormente. Edward Said lembra que é,

assim, preciso criar uma consciência e uma identidade para si, onde a cultura é, igualmente, instrumento de resistência (SAID, 1995).

Portanto, o estudo da cultura nos processos migratórios demanda que se aprofundem possibilidades e contradições para ir além da redução ao exótico, à diferença e da cisão do contexto e processos históricos. Os modos de vida e os cotidianos são plurais, nas várias dimensões já citadas (trabalho, relações, família, religião, associações, lazer, estética) e se movimentam ainda mais nos diálogos relacionais. No entanto, os desafios são muitos para se ultrapassar os olhares curiosos ou discriminatórios, as discussões reducionistas, as opiniões apressadas e preconceituosas, o racismo e a xenofonia que se fazem no dia-a-dia. A cidade é um campo de discurso e utopias em disputa, nela os modos de vida e os arranjos possíveis são instáveis.

As diferentes expressões, atividades e fazeres das mulheres africanas contêm dimensões de fundamental importância para a construção de uma perspectiva aberta dos processos migratórios e para a questão da África. Neste sentido, ao construírem suas histórias, adquirem um reconhecimento social e revalorizam sua cultura e suas origens. Acabam transformando percepções e valores, desconstruindo a ideia de que o único sentido da migração africana está em situações de extrema pobreza e inserem novos olhares e perspectivas para a migração feminina contemporânea na cidade.

Referências bibliográficas

ARENDDT, H. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo. 12 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

ASSIS, G. O. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração

- internacional. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 745-772, set./dez. 2007.
- BAILEY, O. G. Mulheres africanas migrantes: histórias de agência e pertencimento. **Perspectivas**. Revista de Ciências Sociais da UNESP, São Paulo, v. 43, p. 159-182, jan./jun. 2013.
- BARROS, D. D. L'activité humaine dans l'économie de la vie: le sens dans l'histoire et la culture. In: MOREL-BRAQ, M.; TROURÉ, E.; OFFESTEIN, E. (Org.). **L'activité humaine: un potentiel pour la santé?** Paris: ANFE/de Boeck Solal Paris, p. 283-290, 2015.
- BARROS, D. D. Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 90-97, set./dez. 2004.
- BARROS, D. D.; LOPES, R. E.; GHIRARDI, M. I. G. Terapia ocupacional social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 13, n.3, p. 95-103, set./dez. 2002.
- CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A.; BRUNELLO, M. I. B. Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. In: DE CARLO, M. M. P.; BARTALOTTI, C. C. (Org.). **Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas**. São Paulo: Plexus Editora, 2001, p. 19-40.
- DANTAS, S. D. et al. Identidade, migração e suas dimensões psicossociais. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 15, n. 34, p. 45-60, jan./jun. 2010.
- DAVIES, C. B. Mulheres caribenhas escrevem a migração e a diáspora. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 747-763, set./dez. 2010.
- DINIZ, E. C. C. Migração feminina e redes sociais: brasileiras em Lisboa – Portugal. In: I SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 2009, Curitiba. **Grupo de Trabalho 4: Cidadania, controle social e migrações internacionais**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009, p. 2-13.
- DUTRA, D. Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 21, n. 40, p. 177-193, jan./jun. 2013.
- ELIAS, N. **Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- FABIÃO, T. Danças africanas e interculturalidade: práticas artísticas e pedagógicas em Portugal. **Revista Angolana de Sociologia**, Ramada, n. 8, p. 99-109, dez. 2011.
- FANON, F. **Em defesa da revolução africana**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980.
- FRANÇA, T. Entre reflexões e práticas: feminismos e militância nos estudos migratórios. **E-cadernos ces**, v. 18, p. 81-105, 2012. Disponível em: < <http://eces.revues.org/1527>>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- FRANCALINO, J. H.; PETRUS, M. R. Dinâmicas de afirmação e re-significação de identidades: um projeto cultural em construção com refugiados e imigrantes congolezes e angolanos. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 16, n. 31, p. 532-544, 2008.
- GALVANI, D. **Circuitos e práticas religiosas nas trajetórias de vida de adultos em situação de rua na cidade de São Paulo**. 2015. 200 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GHIRARDI, M. I. G. Terapia Ocupacional em processos econômico-sociais. **Cadernos de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos**, São Carlos, v. 20, n. 1, p. 17-20, jan./abr. 2012.
- GOMES, N. L. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL; GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS, 2003, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003a.
- GONÇALVES, M. A.; MARQUES, R.; CARSO, V. Z. **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. 268 p.
- KALY, A. P. O Ser Preto africano no “paraíso terrestre” brasileiro. Um sociólogo senegalês no Brasil. **Lusotopie**, Bordeaux, p. 105-121, 2001.
- MACIEL, M. E. Identidade cultural e alimentação. In: CANESQUI, A. M.; GARCIA, R. W. D.

- (Org.). **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 49-56.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, fev. 2002.
- MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.
- MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: _____; TORRES, L. (Org.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. 3 ed. São Paulo: Edusp, 2008, p. 15-53.
- MASANO, I. R. **A gastronomia paulistana: o local e o global no mesmo prato**. 2011. 264 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- MBEMBE, A. *Arte contemporânea de África: negociar as condições do seu reconhecimento - conversa de Vivian Paulissen com Achille Mbembe*. Tradução: CARTAXO, M. J. 2010. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/mukanda/arte-contemporanea-de-africa-negociar-as-condicoes-do-seu-reconhecimento-conversa-de-vivian->. Acesso em 10 mai. 2016.
- MBEMBE, A. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 23, n.1, p. 171-209, 2001.
- MUNGOI, D. M. D. C. J. Ressignificando identidades: um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 20, n. 38, p. 125-139, 2012.
- NOVAES, M. M. **Sujeitas de direitos: história de vida de mulheres bolivianas, peruanas e paraguaias na cidade de São Paulo**. 2014. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. São Paulo: Edunesp/Paralelo15, 2000.
- RODRIGUES, E. F. V. **Imigrantes africanos no Brasil contemporâneo: fluxos e refluxos da diáspora**. 2014. 80f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.
- SAID, E. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 459 p.
- SERRANO, M. L. E. “África” em Rio de Janeiro: uma cartografia sobre a imigração contemporânea. **MEMORIAS: Revista digital de História y Arqueología desde el Caribe colombiano**, Barranquilla, v. 8, n. 15, p. 272-302, 2011.
- SILVA, V. G. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2006.
- SUBUHANA, C. A experiência sociocultural de universitários da África Lusófona no Brasil: entremeando histórias. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 103-126, jan./abr. 2009.
- TELES, T. C. **Nzambi ikale ni enhe! Histórias de vida de imigrantes angolanos em São Paulo**. 2013. 301 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- UNDA, R.; ALVARADO, S. V. Feminización de la migración y papel de las mujeres en el hecho migratorio. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Colombia, v. 10, n. 1, p. 593-610. 2012.
- WEINTRAUB, A. C. A. M. **Itinerários percorridos por mulheres migrantes estrangeiras na cidade de São Paulo: modos de fazer a vida na cidade**. 2012. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Documentos

BRASIL. Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 22 ago. 1980.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. 2008. *Trabalhadoras e trabalhadores migrantes: alcançar a igualdade de direitos e oportunidades*. Disponível em: http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/gender_december.pdf. Acesso em: 25 mar. 2016.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS

MIGRAÇÕES. *Perfil migratório do Brasil 2009*. 2009. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/brazil_profile2009.pdf. Acesso em: 10 jun 2016.

Recebido em: 08/06/2017

Aprovado em: 16/09/2017